

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

OUTUBRO 1956

N.º 121

VANTAGENS E PERIGOS

No passado mês de Setembro inaugurou-se a televisão em Portugal.

Desde os seus primeiros ensaios em Inglaterra e nos Estados Unidos, por volta de 1925, este maravilhoso invento tem-se desenvolvido rapidamente, a ponto de hoje atingir uma relativa perfeição.

Não deixando de reconhecer a sua eficiência técnica, cumpre-nos a nós, atalaias do Senhor, pôr de sobreaviso o povo adventista acerca das suas possíveis repercussões na Igreja.

Como quase todos os inventos, a televisão em si não é boa nem é má, — é um instrumento que tanto pode ser usado para bem como para mal.

O mesmo se passa com a imprensa. Quando bem usada, é um instrumento construtivo do mais alto valor. Por meio dela, a Bíblia Sagrada e as verdades do Evangelho são levadas a todas as nações, tribos, línguas e povos. Mas, usada para fins perversos, pode igualmente tornar-se um instrumento de avassaladora capacidade deletéria. Basta considerarmos o conteúdo de grande número de revistas e livros, hoje publicados, para disso nos capacitarmos.

A invenção do cinema foi igualmente maravilhosa. Que mais eficiente instrumento educativo do que o cinema, com o que ele, por meio da imagem, do movimento, da cor e do som, pode oferecer? No entanto, é forçoso reconhecer que o cinema comercializado se tornou uma das principais causas

DA

TELEVISÃO

do actual abaixamento das normas de moral em todo o Mundo.

A rádio constitui outra maravilha do espírito inventivo dos nossos dias. Através dela, a mensagem evangélica pode atingir, nos seus próprios lares, pessoas que jamais assistiriam a uma reunião pública e nunca teriam acesso a uma publicação adventista. Mas quando ouvimos certos programas, não podemos deixar de lamentar que tão notável invento tenha sido usado para cultivar o mundanismo e a frivolidade.

Outro tanto se passa com a televisão. A pregação do Evangelho em geral, e da mensagem adventista em particular, encontraram neste invento um poderoso auxiliar. É assim que hoje estamos emitindo nos Estados Unidos 131 programas semanais de televisão, levando aos lares não só a mensagem, mas o próprio mensageiro. Sentimo-nos gratos a Deus por vivermos em tempos em que podemos ver tais coisas.

Mas, por outro lado, este invento está sendo usado pelas forças do mal como uma das suas mais poderosas armas. Durante anos, temos aconselhado os nossos membros de igreja, e em especial

os jovens, que se abstenham de assistir a espectáculos, particularmente aos que se realizam em teatros e cinemas. Chegou a altura em que, para assistir a esses espectáculos, já não há necessidade de

DIA PRO-TEMPERANÇA

27 DE OUTUBRO DE 1956

Desde há algum tempo, celebramos uma vez por ano o Dia Pro-Temperança. Este ano, a data escolhida para este fim é o Sábado, 27 de Outubro.

Neste dia, convirá tratar este assunto na hora do culto, em relação com a mensagem adventista. Foi preparado um programa para este efeito e está prevista uma colecta especial para esta ocasião. A tesouraria da Conferência Geral recomenda muito particularmente essa colecta, sublinhando que devido ao aumento do uso de bebidas alcoólicas em todo o Mundo, uma grande responsabilidade repousa sobre nós. Devemos fazer sempre mais no sentido de neutralizar a propaganda dos fabricantes de álcool. Devemos também preocupar-nos com os perigos que corre a nossa juventude e esforçar-nos por protegê-la contra esse verme roedor que penetra rapidamente em todos os cantos da Terra. Pedimos instantemente a todos os nossos irmãos e irmãs que façam o que esteja ao seu alcance para o êxito deste esforço comum.

É necessário dinheiro para desenvolver o nosso programa. Contamos pois com uma colecta abundante em favor desta obra da temperança cristã neste Sábado, 27 de Outubro, o que nos permitirá manter a luta contra este terrível flagelo que ameaça a própria existência da família humana. Dirigimos desde já os nossos mais vivos agradecimentos a todos os nossos membros pela sua generosidade.

ROBERT GERBER

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

ESTÁIS APRESSANDO A VINDA DE CRISTO?

Na sala de leitura central da Biblioteca do Congresso em Washington, D. C., logo por cima de uma estátua personificando a História, encontram-se as últimas linhas do *In Memoriam* de Tennyson:

«Um Deus, uma lei, um elemento,
E um divino longínquo acontecimento,
Para o qual toda a criação se dirige.»

No espírito de Tennyson, a história era o relato da maneira como Deus e o homem se dirigem irresistivelmente através dos negócios humanos para um desfecho glorioso. O que quer que tenha sido que o poeta tinha em mente, para o adventista estas eloquentes linhas expressam a esperança da segunda vinda de Cristo, com a qual está relacionada a gloriosa missão de proclamar a mensagem do Advento.

É dever do adventista não só proclamar o *facto* desse divino acontecimento — a volta de Jesus — mas também revelar as *condições* que determinam quando cedo ou tarde Ele há-de voltar. Não temos nós ouvido muitos sermões acerca do *facto* da volta de Cristo, mas muitíssimo poucos acerca das condições que podem apressar ou retardar a Sua volta?

A volta de Cristo já há muito que devia ter-se dado e o próprio

ir a uma sala destinada a tal fim. Basta ficar em casa perante um aparelho de televisão.

Se não exercermos — especialmente os pais — um cuidadoso controle, veremos em breve introduzidos nos lares adventistas, e até no próprio dia de Sábado, os inconvenientes do teatro e do cinema.

Em vez de lamentarmos, demasiado tarde, os prejuízos sofridos, aprendamos desde já à custa alheia, fazendo planos para que este invento seja sempre em nossos lares um instrumento de bênção e nunca de maldição.

Ernesto Ferreira

Por

H. E. DOUGLASS

povo que mais tinha a ganhar com essa volta tornou-se o instrumento de ser retardado esse grande acontecimento.

Há quantos anos tem sido possível ao homem nesta terra dizer: «Jesus pode vir em meus dias»? Preguar a volta de Jesus como o divino acontecimento para o qual se dirige toda a criação foi a missão de Paulo e Pedro, de Tiago e João, de Policarpo e Ireneu. Tem sido a missão das incontáveis hostes daquela «interminável linha de esplendor». Wycliffe, Lutero, Wesley e outros também aguardavam a vinda de Jesus — mas não para os seus dias.

Antes de o Sol se ter escurecido, antes de as estrelas terem ostentado a sua glória na chuva de 1833; antes de ter soado a misteriosa hora do juízo em 1844 — não era possível ao homem dizer: «Jesus pode vir em meus dias».

Novas responsabilidades repousam sobre os arautos do Advento depois de 1844. Eles possuem uma mensagem que o Mundo jamais ouviu antes. Por todo o Mundo com a velocidade dos anjos deve ser proclamada a boa nova: «Jesus pode vir em nossos dias. Preparai-vos!» Esta mensagem está agora soando há mais de cem anos e todavia Cristo ainda não veio. Esta tardança nunca foi parte da vontade de Deus. (Ver *Evangelismo*, págs. 695, 696).

Frequentemente, a pena de Ellen G. White traçou a triste história de que nunca houve necessidade destes longos anos de espera no Mundo. Em 1883 escreveu ela que se os mensageiros de 1844 tivessem continuado com fé e tivessem pregado com poder a genuína mensagem do terceiro anjo, «o Senhor teria cooperado poderosamente com os seus esforços e a

obra já estaria completada e Cristo já teria vindo à Terra.» *Ibidem*, pág. 695.

Noutro local, escreve ela antes de 1900: «Se a Igreja de Cristo tivesse feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o Mundo inteiro há haveria sido advertido, e o Senhor teria vindo à Terra em poder e grande glória.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 474.

Assim é claro como cristal que não podemos censurar a Deus por esta tardança. Todo o Céu tem estado aguardando durante muitos anos por enviar Jesus a este Mundo, mas o povo de Deus não tem feito o seu dever nem se tem preparado inteiramente para a Sua vinda.

A mensagem das Escrituras para os adventistas é: «Havendo pois de perecer todas estas coisas que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus?» (2 Pedro 3:11, 12). Se temos a oportunidade de apressar o Advento por meio de vidas de santidade e piedade, podemos também retardar a Sua volta por meio de vidas que não sejam modelos de piedade.

A mensageira do Senhor diz-nos: «Cristo aguarda com fremeo desejo a manifestação de Si mesmo em Sua Igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.

«Todo o cristão tem o privilégio, não só de esperar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas também de apressá-la. Se todos os que professam Seu nome produzissem fruto para Sua glória, quanto depressa não estaria o Mundo todo semeado com a semente do Evangelho! Rápida e madureceria a última grande seara e Cristo viria recolher o precioso grão.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 69.

Encontramos aqui a chave para a tardança dos acontecimentos dos últimos dias. Nunca poderá haver

pregação eficaz sem vida eficaz da mensagem pregada. O Espírito Santo é cuidadoso quanto aos instrumentos por meio dos quais opera. A chuva serôdia e o último clamor apenas virão quando Deus encontrar povo suficiente na igreja a quem possa confiar o Seu poder.

Durante 6.000 anos o Céu tem ansiosamente aguardado uma geração de homens que reflectam completamente a justiça de Deus. Todos os enganados de Satanás serão expostos sem deixar qualquer dúvida quando homens e mulheres na carne demonstrarem o protector poder da graça de Deus. Eles tornar-se-ão para todo o universo que os contempla a prova suprema de que as promessas de Deus são certas, de que os Seus caminhos levam à plenitude do gozo, de que os homens podem viver sem pecado, de que o amor é mais forte do que a morte, de que «as muitas águas não poderiam apagar este amor nem os rios afogá-lo.» (Cantares 8:7).

Esta última geração verá no povo de Deus a Sua maior ostentação de glória predita em 2 Tessalonicenses 1:10: «Quando vier para ser glorificado nos Seus santos.» Jesus não recebe apenas honra do Seu povo — mas por causa dele.

Lemos: «Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.» (Romanos 8:19). Por que temos de mantê-la aguardando? Desejamos realmente que Jesus venha em nossos dias? Que significa para vós a Sua vinda?

Há um local relvado na negra terra de um cemitério do Illinois que encerra um dos tesouros da minha vida. O meu mais íntimo amigo repousa ali dormindo. Forte na sua virilidade, valente no serviço da igreja, terno em simpatia — ele era o primeiro ancião de uma das nossas igrejas — mas ceifado aos 34 anos. Eu tive de o sepultar. Foi um dos mais concorridos funerais presenciados em todos os tempos naquela vila. Quando agora viajo por aquele Estado procuro um momento para ir até àquele canto relvado e rededicar-

A ÚLTIMA OPORTUNIDADE DO MUNDO

POR
ROBERT L. ROWE

Se ao infinito Pai não passa despercebida a queda de um passarinho, quanto deve sofrer o Seu coração ao ver as legiões dos perdidos!

Alguns constituem a própria flor da civilização — atractivos, inteligentes, ambiciosos, amáveis. Os homens respeitam-nos e admiram-nos, mas eles deixaram Deus fora das suas vistas. Alguns pertencem ao vulgo — trabalhando arduamente, activos, talvez sociáveis, mas obcecados pelo deus deste Mundo. Alguns são indivíduos de que nação alguma poderia orgulhar-se — ladrões, ébrios, miseráveis, a escória da civilização. Apartaram-se de Deus e mais O amaldiçoam do que O louvam. Alguns são ignorantes, ainda não advertidos — as centenas de milhares que nunca ouviram a história

da salvação. Deus vê-os a todos — a esses incontáveis milhares de perdidos!

«O coração de Deus comove-Se. As almas são muito preciosas aos Seus olhos. Foi por este Mundo que este Jesus chorou em agonia — por este Mundo foi crucificado. Deus deu Seu Filho unigénito para salvar pecadores, e quer que nos amemos uns aos outros como nos amou. Sua vontade é que os que têm o conhecimento da verdade comuniquem esse conhecimento aos seus semelhantes.» *Testemunhos para a Igreja*, ed. mundial, Vol. 2, pág. 371.

Mas partilhará a igreja a preocupação de Deus pelos perdidos?

— me ao seu Deus e ao meu Deus. Anseio que Jesus venha.

Vós tendes também os vossos pedaços relvados — aqui, ali, talvez longe, num campo de batalha estrangeiro ou, porventura, no silencioso túmulo do mar — um local onde um pedaço do vosso coração está sepultado. O advento do Doador da vida é digno de ser apressado, prezados amigos.

Penso nas igrejas que pastoreei; olho para o círculo dos meus queridos e para o círculo mais vasto de inapreciáveis amigos; recordo o cheiro a éter de salas em que algumas operações fatais se realizaram; ouço os gemidos de lábios fortes e alguns vindos de uma delirante menina de oito anos — e anseio pelo dia em que Jesus há-de voltar.

Vejo lares que se tornaram celas de incompreensão — vazios de interesse mútuo. Crescem filhos e filhas — alguns para honrarem, e outros para darem apenas dores de coração. Espero que Jesus possa vir em breve e recompense os fiéis e pacientes.

Olho para os que outrora esta-

vam connosco nas escolas, nos primeiros anos de serviço ministerial mas que agora desfizeram os seus sonhos e aspirações — precisamente pouco antes de alcançarem os desejos dos seus corações — devido à doença.

Então eu penso no dia em que Jesus virá.

É a vinda de Jesus preciosa para vós? Se é, entregar-lhe-eis tudo e no Seu poder levantar-vos-eis e revelareis a glória de Deus na vossa vida. Cumprir-se-ão então as palavras: «Porque eis que as trevas cobriram a Terra e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória virá sobre ti. E as nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu.» (Isaías, 60:2, 3).

O Evangelho será assim abundantemente pregado e Jesus virá. Nesse dia o povo de Deus será «uma igreja que brilhará com um fulgor que ultrapassará a glória áurea do seu início — com o esplendor da sua lua eterna.» Oremos pelo poder para apressar esse dia.

NOSSOS FIÉIS PASTORES

Por Ernest Lloyd

Lembro-me de alguns dos velhos ministros da nossa denominação que exerciam uma influência maravilhosa visitando os lares de nossos membros. Nomes como Haskell, Kilgore, Starr, Lane, Tait e Weeler eram familiares na nossa velha casa de lavradores do Illinois. Quando um desses bons ho-

Acreditamos realmente que o fim está próximo? Durante mais de 110 anos temos pregado solenemente que «vinda é a hora do Seu juízo!» O tempo de prova está prestes a terminar. Nós que durante largos anos temos pregado esta verdade, perguntemo-nos a nós mesmos, honesta e perscrutadoramente: Cremos realmente na mensagem que pregamos? Cremos que esta geração deve concluir a obra de Deus? Queremos dizer isso realmente quando dizemos que é a última mensagem de advertência?

A mensagem do terceiro anjo encerra a ameaça do mais terrível castigo jamais sobrevindo ao homem, a ira de Deus não misturada com misericórdia. Ensinamos que somos chamados por Deus para advertir o Mundo a «fugir da ira futura», e que esta é a última mensagem de advertência e que nenhuma outra se seguirá. Mostram as nossas obras que acreditamos nisso?

A mensageira do Senhor descreve a condição de muitos: «Tem-me sido mostrado que o povo de Deus que professa crer na verdade presente não se encontra numa atitude expectante e vigilante. Está aumentando em riquezas e depondo os seus tesouros sobre a Terra. Está-se tornando rico em coisas do Mundo, mas não rico para com Deus. Não crê na brevidade do tempo; não crê que o fim de todas as coisas se aproxima e que Cristo está às portas. Pode professar muita fé; mas engana as suas próprias almas porque não age de acordo com toda a fé que realmente possui. Suas obras mostram

mens chegava a nossa casa todo o trabalho ordinário se suspendia excepto os deveres essenciais, e uma parte do nosso tempo era-lhe consagrada.

Esses ministros, diga-se de passagem, haviam previamente informado os membros desde o púlpito de que não visitavam as casas para serem banqueteados, mas antes para alimentarem as almas dos membros e de suas famílias com o pão da vida. Eu nunca vi minha mãe numa «roda viva» a preparar pratos extraordinários para os ministros. Ela era uma boa cozinheira, e eu que o diga, e apresentava à mesa comida nutritiva, saborosa e variada. Mas quando um ministro vinha, o seu tempo não se passava como o de Marta a servir, porque ela estava pronta com o pai e os rapazes e meninas para descansar e ouvir.

o carácter da sua fé a testificarem àqueles que os rodeiam que a volta de Cristo não deve ser nesta geração. ... Sua preparação é feita no sentido de permanecerem neste Mundo.» Testimonies to the Church, Vol. 2, págs. 196, 197. (O itálico é nosso).

Se cremos realmente nas solenes verdades que pregamos, cada acto nosso deve prová-lo. E quer creiamos quer não, Deus está dando múltiplas evidências de que Jesus virá em breve. Esta é a última oportunidade do Mundo! Oh, se este pensamento ardesse na nossa consciência!

«Em misericórdia para com o Mundo, Jesus retarda a Sua vinda, para que os pecadores possam ter a oportunidade de ouvir a advertência e achar n'Ele um abrigo antes que a ira de Deus seja derramada.» *O Conflito dos Séculos*, pág. 335.

A noite eterna aproxima-se. As trevas estão prestes a descer sobre as miríades dos perdidos. Que é a posição, a riqueza ou o talento;

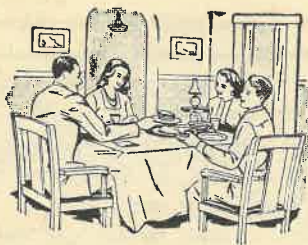
Geralmente os pais falavam primeiro com o ministro acerca de qualquer problema da igreja local sobre o qual necessitassem do seu conselho. Então discutiam possivelmente qualquer dificuldade da família que tivesse havido. Com a sua rica experiência e a sua familiaridade com o povo de Deus, o ministro estava apto a dar o auxílio que esses problemas ou dificuldades pareciam requerer. Com a sua amável perícia, o homem de Deus procurava guiar os pais para uma consagração cada vez maior na sua vida religiosa. Era fiel em admoestar quando via que isso era necessário e fazia-o com delicado tacto. Embora as suas palavras pudessem ferir um pouco, ele era respeitado e amado.

Em seguida eram chamadas as crianças. Estas amavam aquele homem porque ele mostrava um genuíno interesse pelos seus assuntos e planos. Como nós gostávamos das suas histórias! E elas eram da espécie que ilustrava e salientava as graças e qualidades

sim, que é a própria vida em tal hora!

Chegou o tempo para se «soar um alarme pela extensão e largura da Terra. Dizei ao povo que o dia do Senhor está perto, e se apressa grandemente. Ninguém fique por advertir. Poderíamos achar-nos no lugar das pobres almas que se encontram em erro. Poderíamos haver sido colocados entre os bárbaros. Segundo a verdade que recebemos mais que os outros, somos nós devedores quanto a comunicar-lhes.» *Testemunhos Selectos*, ed. mundial, Vol. 2, págs. 375, 376.

Oh, se pudéssemos ver o Mundo como Deus o vê, se pudéssemos ver os milhões por advertir e salvar os que estão descendo à sepultura sem Cristo! Com uma tal visão poderíamos dizer com David Brainerd: «Não importa onde ou como vivo, contanto que possa ganhar almas para Cristo». Quando um tal espírito dominar o povo de Deus, a obra será realizada rapidamente e Jesus virá!



O LAR CRISTÃO

GUARDANDO O SÁBADO COM AS CRIANÇAS

Por

Josefina Cunningham Edwards

Uma das mais doces lembranças dos dias da meninice que ainda conservo é o «ar» da Sexta-feira à noite. A casa estava imaculadamente limpa e a mesa da casa de jantar encontrava-se coberta com uma toalha. A nossa família era grande e activa e nos dias em que ainda não havia máquinas de lavar comíamos num lindo oleado com flores, excepto na Sexta-feira à noite. Era geralmente uma refeição especial e comíamos um pouco mais cedo do que nos outros dias, a fim de podermos ter um longo serão.

Lembro-me de algumas das especialidades de minha mãe. Ela fazia batatas de creme numa grande panela de ferro preta que punha em cima das brasas. Posso

cristsãs que tão desejáveis são em cada lar.

O nosso conhecimento desses homens aumentava-nos o desejo de assistir às reuniões campais anuais para de novo nos encontrarmos com eles e ouvi-los. Assim, unia-mo-nos mais e mais aos nossos dirigentes e a sua influência pessoal sobre nós era forte. Ajudavam a guiar-nos nas nossas escolhas e decisões à medida que crescíamos. Constituíam um factor decisivo em nos levar para o trabalho da igreja.

Centenas do nosso crescente exército de obreiros denominacionais estão hoje relacionados com a organização devido ao bondoso trabalho pessoal de ministros que visitavam com sabedoria e simpatia os lares dispersos. Só a eternidade revelará as grandes influências provenientes de tal serviço por parte dos nossos ministros. Abençoados esses homens de Deus que procuram a edificação da igreja!

ainda vê-la deitando esse manjar com uma colher na grande terrina pintada de flores. E geralmente a acompanhar as batatas havia pão — rico, louro e bem cozido — preparado numa grande forma de ferro. Ainda não tinha chegado a era das saladas, mas nós tínhamos folhas de alface tenras, cebolas verdes e rabanetes.

Com um grande prato de batatas de creme, brilhando com manteiga, algumas cebolas e alface e uma fatia de pão quente de trigo dourado, em que a manteiga se derretia instantaneamente, quem poderia deixar de sentir apetite?

Além disso, na Sexta-feira à noite o jantar culminava com uma torta como só a Mãe sabia fazer, segundo eu pensava. Talvez fosse torta de ruibarbo se estivéssemos no princípio da primavera, altura em que os nossos ruibarbos mostravam os seus pequenos narizes inquiridores e enrugados fora da terra. E pensávamos que a torta de ruibarbo era a melhor torta do Mundo antes de a Mãe preparar torta de framboesa e de cereja!

Tínhamos um órgão na sala de estar e um piano na sala de visitas. Eu preferia o órgão e a intimidade da sala de estar com o seu sofá, estantes, lareira e confortáveis cadeiras de baloiço.

Todos nós levantávamos os pratos e até o Pai ajudava jovialmente. Reuníamo-nos em seguida em volta do órgão e cantávamos um pouco. Era lembrado o hino favorito de cada um. O do Pai era «Face a face», e a Mãe gostava de «Quando se fizer a chamada». Chester nunca se cansava de ouvir «Meu deleite é pensar noutra terra de além». O alegre e feliz João tinha tantos hinos favoritos que os não podíamos can-

tar todos. Depois disso, em geral, o Pai lia-nos alguma coisa.

Lembro-me de estar sentada horas e horas a ouvi-lo ler as histórias de «Leituras do Sábado para o Círculo do Lar». As histórias tão lindas e tocantes ficaram gravadas na minha memória por toda a vida. Já lêstes «A vingança do índio», «O pastel vazio» e «A Sociedade de Beneficência»? Estas histórias podem já não estar na moda, mas significaram muito para mim. Pensei escrever também lindas histórias como essas quando fosse crescida; fiz isso, fiz esse fervoroso pacto há 40 anos, sentada ali numa cadeira perto do Pai em nossa confortável sala de estar, ouvindo a rica e inspiradora voz paterna. Tínhamos todos os livros que a Conferência então vendia. Melhor do que tudo, tínhamos o Pai que encontrava o seu prazer em tornar o Sábado um dia digno de ser lembrado e fazer dele um deleite. Ele amava o Sábado. Podíamos contar com ele.

Jogos do Sábado

Antes da grande quantidade de jogos e «auxiliares» aparecidos nas Sociedades de Tratados, como as chamávamos então, nós tínhamos os nossos jogos. Pegávamos nas nossas Bíblias e víamos quem era capaz de encontrar primeiro os textos que o Pai apresentava. Durante toda a minha vida tenho gostado desse exercício. Além desse, havia o belo jogo de que as crianças sempre têm gostado: «Estou a pensar num homem (ou mulher) da Bíblia, cujo nome começa por...»; ou: «Estou a pensar numa flor»; ou: «Estou a pensar numa ave».

O Pai estabelecia uma regra: Nós não podíamos apresentar nomes pouco comuns, ou difíceis de pronunciar, tirados das crónicas da Bíblia para fazer demorar o jogo. Todos deviam sentir-se felizes.

Todos deviam gostar do jogo. Todos ficavam a pensar um momento quando eu lhes dava a letra «M». Eu tinha descoberto um nome de partir os queixos — Maher-shalal-hash-baz — em Isaías 8. Todos pensavam que eu tinha transgredido a regra e tinha ido buscar esse nome a Crónicas, até que o Pai se lembrou e se riu e adivinhou. Podíamos usar as nossas Bíblias.

Penso nos pais que se vão deitar no Sábado de tarde e dizem aos filhos que saiam e vão brincar ou estejam quietos. Depois, talvez alguns anos mais tarde, vão a chorar contar ao seu pastor o seu desgosto, porque «João perdeu todo o interesse pela religião». Sem dúvida que esta lhe não fora «vendida» como algo de precioso. Não fizeram com que ele olhasse para o Sábado como um dia aguardado com prazer e antecipação e o considerasse como sendo um dia de alegria.

Por vezes no verão, quando vínhamos para casa, a Mãe punha a nossa comida num cesto e saíamos para o campo, encontrávamos algum lugar limpo e relvado e estendíamos ali a toalha. Maria partia o pão e eu punha os pratos em volta. Nessa altura não havia pratos de papel. Feijões bem cozidos, queijo caseiro, pão com manteiga, alfaces, rabanetes e torta. Tudo sabia bem, porque o ar era limpo e fresco e um passarinho — algum pintassilgo — nos dava um concerto de graça.

Muitas, muitas vezes, íamos visitar o Avô. E então vagueávamos pelos pomares e o Pai indicava-nos as árvores e nós tínhamos amostras dos frutos.

«O Conflito dos Séculos»

Encontra-se à disposição do público português «O Conflito dos Séculos», essa obra-prima da pena inspirada de E. G. White, que acaba de ser editada pela Publicadora Atlântico, Lda.

Desconto especial no preço para os membros de igreja na União Portuguesa.

Passatempos em casa

Havia alturas no Inverno em que o dia estava escuro e ameaçador e o tempo pouco convidativo para saídas. Nessas ocasiões, sentir-nos-íamos aborrecidos se tivéssemos sido deixados sòzinhos. Mas sinto-me contente porque meus pais procuraram ser um verdadeiro Pai e uma verdadeira Mãe para nós. Em dias desses eu ouvia histórias da velha Inglaterra e dos nevoeiros que sopravam no Mar do Norte, tão densos que um homem não podia ver a sua mão em frente dos seus olhos. Nessas histórias, quando o sino da abadia construída há 900 anos tocava, os homens pegavam nos seus oleados e corriam das suas casas quentes para ir consertar os diques. Os seus campos ricos e planos eram demasiado preciosos para olharem levemente para qualquer ameaça.

Tínhamos grandes livros para os quais podíamos olhar e eu muitas vezes cortava gravuras, armava-as em cartão e colocava-as todas em cima da mesa da casa de jantar. João pegava nalguns lenços limpos do Pai e usando os suportes das colheres, uma garrafa e um frasco, nós levantávamos uma linda reunião campal na grande mesa da casa de jantar. A arca de Noé que nós fazíamos também era engraçada.

A minha mãe deixava-nos usar o quarto das arrumações como casa de brinquedos. Uma vez fizemos dele uma igreja e seguíamos cultos regulares. Eu era o prega-

dor e o meu irmão era um diácono e levantava a oferta. Éramos muito sérios e fazíamos por fazer as coisas de uma maneira digna. As ofertas abrangiam alfinetes comuns, alfinetes de segurança, dedais e rolfas de garrafas.

Sim, a coisa melhor que posso lembrar, a coisa mais doce que posso recordar, é como a nossa casa se sentia «sabática». E como nós podíamos contar que a nossa gente guardasse o dia connosco. Eles fizeram o seu trabalho de pais tão bem, tão alegremente, tão àvidamente, que posso dizer com verdade que me lembro do Sábado como «deleitoso, santo dia do Senhor, digno de honra».

CAELI...

Quem na abóbada imensa
Pôs a lâmpada suspensa
Do Sol que o dia nos dá?
E há quem se atreva, se afoite
A contar os sóis que à noite
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,
A lua em pino suspende
E aos homens diz: Descansai!
Filhos de quem vos adora,
Meus filhos, dormi agora;
Vela agora vosso Pai!

João de Deus



**EMISSÕES
ADVENTISTAS**

RÁDIO ÁFRICA - MAHGREB,
de Tânger, 321 m ou 506 m, todas
as segundas feiras, às 21,30.

///

EMISSORA DE BENGUELA,
em Angola, 31 m e 60 m, todas
as segundas feiras, às 20, 30.

Página da

Juventude



Novo Secretário dos M. V.

Como anunciámos no número anterior da nossa Revista, o novo Secretário dos M. V. da União é o Pastor Samuel dos Reis.



Transmitindo as funções e o sorriso

Apresentamo-lo hoje na fotografia que tirou junto do Pastor Fernando Mendes, secretário cessante.

Dr. Henrique João Faro e Dr.^a Maria Leonor Cabral Sacadura Faro

No passado dia 2 de Setembro, celebrou-se na Igreja de Lisboa a cerimónia religiosa do matrimónio destes dois jovens médicos adventistas, a qual foi presidida pelo Pastor E. Ferreira e teve a assistência de numerosos membros e visitas. Aos Drs. Henrique João e Maria Leonor, que sempre têm dispensado a este Departamento a sua simpatia e valiosa colaboração, apresentam os M. V. as suas felicitações.

Amadeu Caldeira e Josefina Pereira

Poucos dias depois, em 13 de Setembro, realizaram em Portalegre o seu enlace matrimonial os

jovens Irs. Amadeu Caldeira, membro da igreja de Nisa e que acaba de concluir o seu curso de obreiro em Collonges, e Josefina Caldeira, membro da igreja de Portalegre. Presidiu à cerimónia religiosa o Pastor Pedro B. Ribeiro. A este casal missionário, que vai exercer as suas actividades em Angola, desejam os M. V. as maiores bênçãos do Céu.

Notícias do V Acampamento Nacional dos M. V., pelo novo Secretário do Departamento

Com a presença de mais de 80 jovens de ambos os sexos, teve lugar nos dias 20 a 29 de Agosto, perto da cidade de Tomar, o anunciado Acampamento da Juventude Adventista Portuguesa.

Foi escolhido o mesmo local dos anos transactos, cedido gentilmente pelo sr. Manuel Joaquim, seu proprietário. Os nossos agradecimentos a este senhor.

Procurou-se seguir mais ou menos o seguinte programa: Alvorada às 7 horas; às 7,30 «Devoção Matinal», hastear das Bandeiras Nacional e do M. V. e Ginástica. Às 8 horas, pequeno almoço; às 9,30, revista às tendas e prémios às mais atraentes. Às 10 horas, Culto Matinal; às 11,15, «Classes Progressivas». Às 12 horas, banho no Rio Nabão.

Às 12,30, Almoço seguido de sesta. Às 15 horas, Estudo Bíblico; às 16,15, «Classes Progressivas»; a seguir, tempo livre. Às 19 horas, Jantar. Às 21, reuniões recreativas. Às 22 horas, deitar e às 22,30 silêncio.

Desde o dia 23 até 26 tivemos o prazer de ter como mentor espiritual o grande amigo da Juventude portuguesa, pastor J. J. Aitken e sua esposa. Muito ficamos a dever a este nosso Irmão,



Aspecto do local do acampamento

pelos seus bons conselhos. Pena foi não termos a sua companhia até final do Acampamento. Mas nem por isso deixamos de expressar os nossos agradecimentos: «Thank you, very much».

No dia 24, tivemos a surpresa agradável de ver entre nós os Irmãos Pastor E. Ferreira e sua Esposa, bem como o sr. Dr. Nunes Branco e Filho. Muito obrigados pela vossa visita ao Acampamento.

Nesse mesmo dia, toda a Juventude desceu à Congregação de Tomar a fim de assistir à passa-

apelo aos corações juvenis e uma boa vintena renderam-se ao chamado do Mestre. Que esses queridos jovens jamais se esqueçam do voto tomado diante de Deus e que em breve possam os seus nomes figurar nos livros das Igrejas.

Tiveram lugar, pelas 15 horas, as célebres investidas e a passagem de poderes do Secretário da Juventude cessante, pastor Fernando Mendes, para Samuel Reis.

Pelas 16 horas, todo o Acampamento se dirigiu para as margens do Rio Nabão. Ia ter lugar a ce-

Na noite de 29 tivemos novamente fogo de Acampamento e apresentou o seu programa a Juventude da Cova da Piedade, Seixal e Barreiro. Muito obrigados por tudo.

Dia 30, Deu-se a debandada. E agora até ao próximo Acampamento, se Deus quiser.

Samuel Reis

Mais notícias do acampamento, por um jovem participante

Deus ao criar os mundos não se esqueceu de dar brilho e esplendor às coisas mais belas, para que o homem, a Sua última obra, se pudesse maravilhar com elas. O amor perfeito não está no homem, está sim nas florinhas do campo, nas avezinhas que gozam de liberdade, nas águas dum ribeiro, e em todas as maravilhas que vemos por esse Mundo fora.

Tive o prazer de estar no acampamento, o terceiro em Tomar, e é dele que vou falar-lhes.

O local foi o mesmo, no já célebre pinhal do Marraneta. Sabem o que custa subir uma montanha, lá em cima há por certo um ar bastante fresco. Assim foi o sítio onde ficámos durante dez dias. A nossa intenção era sobretudo recrear o espírito, esquecermos as lutas do dia a dia, procurarmos brincar o mais possível, à hora das refeições não faltarmos, estar a horas no banho, ouvir ao serão belos programas e cantarmos hinos. Seria somente isto que ali fomos fazer, seria para nós apenas um acampamento de férias? Na minha qualidade de jovem missionário voluntário, vou dizer-lhes finalmente o bem que eu ganhei e trouxe comigo, daqueles dias ao ar livre. Com a valiosa colaboração do irmão Aitken, eu tive momentos de suprema felicidade, ele falou aos jovens, foi nosso companheiro no fim de semana. Quando os meus companheiros procuravam divertir-se eu preferia ficar sentado juntos aos pinheiros, eu queria ver aquela bela árvore que apontava o Céu, além outros pi-



Jovens que participaram no Acampamento dos M. V. em Tomar

gem dos filmes dos seguintes Acampamentos: Suíço, Grego e Italiano. Agradecidos estamos ao Pastor Aitken por trazer até nós esses belos filmes e sobretudo por serem rodados pela primeira vez. Pois esses Acampamentos tiveram lugar poucas semanas antes do nosso.

A Congregação de Tomar quis associar-se ao convívio da Juventude e é vê-la dirigir-se para o local do Acampamento nessa manhã do dia 25 de Agosto e pelas 10 horas estava tudo pronto para ouvir o Director da Escola Sabatina de Tomar anunciar o hino, que daria início aos trabalhos sagrados desse dia.

As 11,15 tomou a palavra o Pastor Aitken, sendo traduzido pelo Pastor E. Ferreira. Neste Culto solene, foi feito um forte

rimónia mais importante e chocante. Desceriam à água baptismal dois jovens — Odete Mendes dos Reis e António Loureiro. Presidiu a esta cerimónia o Pastor Fernando Mendes, coadjuvado pelos Pastores E. Ferreira e S. Reis. Além destes dois jovens, uma irmã de certa idade quis também entregar-se ao Senhor. Que estas três preciosas almas sejam testemunhas vivas nas suas igrejas.

À noite houve o célebre fogo do Acampamento, isto como despedida aos Pastores Aitken e E. Ferreira. Fizeram-se representar as Sociedades de Tomar, Porto e Lisboa. Agradecemos tudo quanto fizeram para deliciar a assistência. Muito obrigado aos nossos jovens.

Os dias 28 e 29 foram dedicados a vários passeios em torno de Tomar.

nheiros, por vezes o vento fustigava os ramos, e o meu olhar ficava parado, eu não me cansava de admirar a natureza, à minha volta as flores, os insectos a saltitar, as incansáveis formigas nos seus trabalhos, a sombra deliciosa da oliveira, eu adorava o aroma de tudo aquilo, queria beijar as florinhas, sentir o amor do seu criador, mas ao mesmo tempo ficava triste, porque razão desprezamos tudo o que há de mais belo. Não é o jogarmos à bola, contar-mos anedotas, que nos torna mais felizes. A felicidade seria aproveitarmos bem os dias no campo.

Depois tivemos uma noite de temporal, alguns jovens resolveram abandonar o acampamento, se bem que se arrependeram. Os que ficaram, pela noite fora, cantaram hinos ao nosso Deus; fizemos orações, pedimos a protecção do Céu; a tempestade não nos maçou mais, pelo contrário, deu-nos mais fé, vigor e vontade de continuarmos a ser fiéis a Deus.

Naquela noite sem lua, na minha tenda reinou profunda confiança, de quando em quando ouviamos os outros que também ficaram estarem a cantar. Assim será o fim dos justos, hão-de cantar louvores ao Altíssimo, rodeados da metralha, dos venenos das nações, dos orgulhos espesinhados, já sem forças, mas sempre altivos, porque a promessa de Deus não há-de fallar.

Na manhã seguinte pensámos abalar, terminar o acampamento. Porém, o tempo melhorou e ficámos.

Por fim, não queríamos voltar, só depois começámos a sentir saudades, durante aqueles dez dias, poderíamos ter aproveitado melhor o tempo a admirar toda a beleza da criação, mas por nossa fraça fé nos esquecemos da melhor riqueza que nos rodeava. Oxalá que os meus companheiros num futuro acampamento possam procurar melhor a Deus na Natureza, dar mais atenção ao seu chamado, estreitar mais o amor de uns com os outros, darmos do nosso tempo aos estudos bíblicos, em plena serra, porque então teremos a certeza de estarmos mais perto de Deus,

UMA CAMPANHA NO MATO

EM ANGOLA

Logo que a época das chuvas termina, começa a delinear-se uma série de actividades evangelistas que começam pelas campanhas.

Alguns dias antes da nossa saída, tinha já partido o grupo de alunos catequistas. Ainda o Sol não tinha nascido e-los com as suas bagagens às costas, tendo na sua frente cerca de 90 km para percorrer. A viagem faz-se especialmente através de carreiros do mato ora subindo serras, ora atravessando vales. De tempos a tempos param, põem a sua panela ao lume, com a farinha, assam o seu peixe e saboreiam aquela confortadora refeição.

Logo que chegam ao local da campanha, que geralmente é pedida pelo soba, falam com ele e combinam qual o melhor lugar. Geralmente o acampamento fica um pouco afastado da aldeia, no

POR

Joaquim Alegria Morgado

meio do mato. As barracas são feitas com ramos de árvores, depois cobertos com capim. As grandes barracas, geralmente, são divididas em vários quartos, onde constroem camas, prateleiras, etc. O capim, os paus e as cordas que tiram da casca de determinadas árvores, são os únicos materiais empregados.

Eu creio que muita gente, que vive nas cidades, em grandes prédios, não tem a mínima noção de que Deus colocou na natureza tudo o que se torna necessário para construir uma casa. Não falo numa casa destas que usamos nas campanhas, mas sim, naquelas que eles constroem vulgarmente e a que chamamos de paus a pique.

Se for da vontade de Deus, no próximo ano voltarei a estar convosco no acampamento.

Vosso irmão em Jesus,

Mário Dias Sanches

Jovem ganho por meio de um passatempo

Copenhague, Dinamarca. — Sigurd Jaegergaard foi criado num lar adventista e frequentou a escola primária da igreja, mas aos quinze anos interessou-se pelos caminhos do Mundo. Gostava de fumar e de frequentar os cinemas. O único interesse comum que ele e eu tínhamos era a electricidade. Durante mais de dois anos passámos muito tempo juntos fazendo experiências de electricidade.

Certa ocasião disse-me ele: «Gosto de vir e de estar contigo. Há aqui sempre uma atmosfera tão pacífica! Mas por favor não me fales acerca de religião. Não me interessa». Mas o Espírito de

Deus estava à obra, e pouco a pouco ele mostrou interesse pelas coisas espirituais. Entregou o seu coração a Deus, e abandonou por completo a sua velha vida. Em consequência disso, sua irmã converteu-se, e agora estão ambos baptizados.

Ele é um sincero cristão e prepara-se para estudar para o serviço de Deus num colégio adventista. Agora a nossa amizade pode comparar-se à de David e Jónatas. O nosso principal deleite consiste em falar acerca da Palavra de Deus e do Seu amor.

Recebi muita inspiração deste parágrafo: «No nosso trabalho, o esforço individual realizará mais do que pode imaginar-se. É por falta dele que almas estão a perecer. Uma alma é de infinito valor; o Calvário manifesta esse valor. Uma alma ganha para Cristo será instrumento para se ganharem outras, e haverá um resultado sempre crescente de bênção e salvação.» — Arne Gisle-Jensen.

Em primeiro lugar é feito no chão um pequeno cabouco, talvez com uns dois palmos de altura, indicando nele todos os contornos que a casa vai ter. Ali colocam lado a lado os paus, mais ou menos com a altura de 2 metros. Umás vezes são paus finos, outras grossos troncos. Depende da espécie de defesa que eles esperam da casa e também da espécie de árvores que há na região. Colocados esses paus, prendem-nos com alguns mais finos, colocados perpendicularmente vários paus mais finos convenientemente amarrados e sobre os quais, partindo debaixo, é colocado o capim. A camada de capim é mais ou menos de vinte centímetros, e se ela é bem colocada, nem uma gota de água passa. Entre os humbundos a arte de fazer os telhados é muito rudimentar, mas entre outras tribos, como, por exemplo, os quíocos, isso já não acontece, vendo-se artísticos telhados, cobrindo as suas casas.

Logo que o telhado está pronto começa então o barrear. O barro tirado, da terra mesmo ali ao pé, é amassado com os pés e à mão lançado sobre os paus que constituem o corpo do edifício tanto interior como exteriormente. As casas primitivas devem ter sido redondas e somente com a influência europeia começaram a construir as casas quadradas e rectangulares. Este processo de construção, não recebeu influência nenhuma do branco, simplesmente notei que nas regiões mais atrasadas as casas eram mais baixas.

Mas voltemos à campanha, cuja aldeia estávamos a visitar e cujas casas nos mereceram este comentário.

A nossa casa também está apta a receber-nos. De noite, quando estamos deitados, podemos ver pelos intervalos do capim, a lua e as

estrelas. É, pelo menos, um bom e cómodo observatório.

As actividades da campanha têm de começar logo ao nascer do Sol, isto é, antes que as famílias saiam de casa para as lavras. Toda a manhã é ocupada nos estudos dados nas casas. A cada um é destinada uma certa área, que pode abranger uma a cinco casas e às vezes mais, e onde eles vão explicar a lição do dia. Assim, quando o Sol nasce, já lá está o catequista à porta e aproveita o tempo que lhe é possível na explicação da palavra de Deus. Responde também às perguntas que lhe são feitas e aconselha num ou noutro ponto que lhe é dada oportunidade de falar. Seguidamente, reúnem as crianças de cada casa, num lugar combinado, e ensinam-lhe os cânticos, geralmente acompanhados de gestos e que ligam a natureza que eles tão bem conhecem, com Deus. Entretanto, começam a chegar ao nosso acampamento aqueles que precisam de tratamento. Não é muito o que nos é possível fazer por eles, mas mesmo esse pouco eles agradecem reconhecidamente. Aparecem especialmente feridas, algumas enormes e repugnantes. Rapazes e raparigas com as pernas quase inutilizadas com essas feridas, crianças robustas com os olhos de tal maneira infectados que lhes custa a abrir e febres com frequência.

Depois do almoço, geralmente reunimo-nos com os catequistas, para estudar a lição que vão explicar no dia seguinte. Ali se traça também a maneira como o trabalho deve ser feito, se responde a algumas dúvidas, etc. Cada um em seguida vai buscar a lenha para a reunião da noite e enquanto eles preparam o jantar, vamos dar uma volta pela aldeia.

As mulheres ou estão sentadas no chão arranjando o cabelo, ora agarradas ao pilão fazendo a farinha, ou ainda se dirigem ao rio para buscarem a água. Quando caminhávamos, um dia, por um dos carreiros que conduzem à aldeia, vimos um rapaz que corria direito a nós, pulando, cheio de alegria. Pôs-se ao nosso lado, e lá

foi caminhando connosco. Nisto lembrámo-nos de lhe perguntar:

— Gostas que nós estejamos na tua aldeia?

— Gosto muito, respondeu o rapazito.

— Mas porquê?

— Por que vocês dizem que Jesus vai voltar, e eu quero ver Jesus voltar.

Continuamos o nosso caminho. O Sol começava a baixar e as fogueiras do acampamento estavam já acesas. Dentro de pouco são horas de começar a cantar, anunciando às pessoas que se podem ir chegando para a reunião. Dos carreiros do mato, surgem uns embrulhados nas suas mantas, outros trazem os filhos às costas, outros transportando bancos para se sentarem. E ali ficarão, horas e horas, nunca achando demais as palavras que ouvem ou os hinos que aprendem.

Enquanto eles vão regressando às suas casas, repetindo pelos caminhos os hinos, e falando sobre a mensagem que ouviram, nós lembramos a ordem de Jesus de levar a cada «tribo, língua e povo» esta mensagem nova do evangelho do reino. Somente o poder de Cristo pode fazer com que aquelas almas, apegadas à feitiçaria e aos costumes primitivos possam ser modificadas e possa existir no seu coração, aquele mesmo desejo que aquele jovem expressou, nas suas palavras mal alinhavadas de português — de querer ver Jesus um dia.

«Em toda a nossa obra, o princípio do desinteresse pessoal revelado na vida de Cristo tem de ser desenvolvido. Nas paredes da nossa casa, nos quadros, na mobília, devemos ler: 'Recolhe em casa os pobres desterrados'. Em nosso guarda-roupa, cumpre-nos ler: 'Veste o nu'. Na sala de jantar, na mesa coberta de abundante alimento, devemos ver traçado: Reparte 'o teu pão com o faminto'.»

A Ciência do Bom Viver,
pág. 177.

**Este número foi visado
pela
Comissão de Censura**

Portugal, o «rude herói de outrora», a terra querida onde esvoacam saudades da nossa meninice e a que estamos ligados pelos mais perenes e variados laços afectivos, visitou Moçambique na pessoa de Sua Excelência o Senhor Presidente da República.

Encontro magnífico e inesquecível o do Chefe do Estado com as populações de Moçambique, em que os corações extravasaram de amor pátrio e de carinho e respeito pela figura cativante e prestigiosa do Senhor General Francisco Higgins Craveiro Lopes. Aclamações apoteóticas como as que se ouviram em Moçambique durante a visita presidencial não se premeditam — são manifestação espontânea e irreprimível dos sinceros, profundos e impetuosos sentimentos da alma portuguesa.

Deve sentir-se contente o velho Portugal. Deve sentir-se amplamente recompensado das suas fadigas e incómodos o Chefe da Nação. Nesta imponentíssima manifestação de amor e lealdade prestada em uníssono por pagãos, ateus, católicos, maometanos, protestantes e adventistas provou-se, uma vez mais, que a unidade nacional é realidade independente da diversidade de crenças e que amar a Pátria e servi-la não é monopólio de determinada facção religiosa nem privilégio que se ministra com a água benta do baptistério, mas sim virtude implantada pelo próprio Deus no coração dos homens em ordem ao cumprimento do propósito divino no estabelecimento das nacionalidades.

Há quem esteja perversamente interessado em demonstrar o contrário, por razões óbvias. As chamadas minorias religiosas são consideradas pragas nacionais que têm de ser exterminadas, se se quiser salvar a segurança do Estado. O argumento é velho e astucioso. Jesus sofreu-lhe as consequências: «Se O soltas, não és amigo de César», ameaçavam os cavilosos fariseus, representantes da maioria religiosa local. Aterrado pelo sofisma que o dava como inimigo do Estado, Pilatos teve de sufocar as suas convicções e entre-

A propósito da Visita Presidencial a Moçambique

António C. Lopes

gar Jesus à morte. O mesmo argumento farisaico é ainda hoje hábilmente manobrado em muitos países onde os pequenos grupos religiosos sofrem perseguições.



Sua Excelência o Presidente
da República

Feliz o povo que, como o nosso, tem a liberdade de adorar a Deus de acordo com a sua consciência. Pese a quem pesar, nesta liberdade revela-se o verdadeiro espírito de Cristo. Quando, certa vez, o discípulo João se aproximou do Senhor e explodiu, indignado: «Mestre, vimos um que em Teu nome expulsava demónios e lho proibimos, porque não Te segue conosco!», Jesus refreou-lhe, suavemente, o zelo apostólico com este conselho tão oposto às práticas dos açambarcadores de Deus: «Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós...»

Sábria e justamente, a nossa Constituição outorga liberdade religiosa em todos os territórios de Portugal. A realidade nem sempre coincide com a letra e espírito da Lei, mas temos a certeza de que estas anomalias desaparecerão, porque confiamos na clara visão e espírito de tolerância dos nossos Governantes. Em Portugal sabe-se, felizmente, que a liberdade religiosa é bem indispensável à felicidade dos povos e que as minorias religiosas não põem em perigo a segurança do Estado. Nós não incendiámos Roma!

Não se oculte nem se desvirtue o grande significado da vibrante manifestação tributada ao Senhor Presidente da República. Os Adventistas de Moçambique rejubilaram com a visita do Chefe do Estado, com a áurea oportunidade de render a Sua Excelência as suas respeitadas homenagens. O Senhor General Craveiro Lopes já regressou a Portugal. Mas em Moçambique ficaram a lembrança da sua presença e o eco das oportunas e eloquentíssimas palavras com que, em Nampula, descreveu a visão de uma Pátria imensa e imortal, abrigando à sombra da sua bandeira gloriosa homens de todas as raças e de todas as crenças.

Esta é, verdadeiramente, a dita Pátria Portuguesa.

«Desejo ardentemente que em minha volta se reúnam todos os que tiveram a honra de nascer em terras de Portugal, sem distinção de raças, religiões ou ideias, e que no Chefe do Estado vejam segura garantia do prestígio e da continuidade da Pátria.» (Palavras do Senhor General Craveiro Lopes, proferidas ao assumir as funções da Suprema Magistratura da Nação).

O POVO MAIS FELIZ DO MUNDO

Pessoas há, muito devotas, que sempre procuram dar à vida religiosa um aspecto sombrio, fazendo a religião parecer trabalhosa e difícil. Estão sempre a acumular sombras e tristezas, e murmuram e queixam-se, dando a impressão de que Deus não tem prazer em que Seus filhos se sintam felizes e alegres. São cínicos, por assim dizer, descobrindo faltas em tudo e em todos, imputando mesmo a Deus as suas dificuldades, como se Ele fosse responsável por seus infortúnios.

Essa sombria perspectiva de vida não é característica de um cristão piedoso, que tenha provado as alegrias da salvação pela fé em Cristo. Existem alguns cristãos professos que, dir-se-ia, amontoam todas as trevas e tristezas da vida, dando assim falso testemunho contra Deus e Seu Filho. Quando Cristo nasceu em Belém, o anjo do Senhor anunciou: «Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo.» S. Luc. 2:10.

Quando Cristo conversava com os discípulos, a caminho do jardim do Getsêmane, disse: «Tenho-vos dito isto, para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo.» «Tenho-vos dito isto, para que em Mim tenham paz; no Mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, Eu venci o Mundo.» S. João 15:11; 16:33. Portanto, é claro que Cristo deseja que Seus seguidores sejam cristãos contentes, alegres e felizes.

Motivo do Optimismo do Cristão

O cristão que se acha em verdadeira comunhão com o Senhor é optimista e não pessimista. Acha-se feliz e contente, em virtude da esperança que possui, a qual lhe é mais preciosa do que todas as

posses terrestres, ou toda a fama e honrarias mundanas. Tem prazer em confortar os que se acham tristes e desanimados. O cristão devoto suporta as suas provas com conformação, porque crê que todas as coisas contribuem juntamente para bem dos que amam o Senhor. Como Job, crente devoto, ele dirá: «O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.»

Depois de haver Job perdido todas as suas posses e seus filhos, e achando-se atacado «duma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça, ... então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus, e morre. Mas ele lhe disse: Como fala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?» «Ainda que Ele me mate, n'Ele esperarei.» Job 2:7-10; 13-15.

O Único Optimismo Verdadeiro

O cristão piedoso, que põe em Deus a confiança, e possui uma esperança que alcança para além da tumba, dirá com o apóstolo Paulo, quando vierem provas e aflições: «A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.» 2 Cor. 4:17, 18.

Toda a pessoa que é capaz de assistir, conformada, à ruína de seus bens, é optimista. Os que crêem na ressurreição dos mortos e num «mundo por vir»; onde «Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor» — esses não são pessimistas. São optimistas, possuidores de uma fé que afugenta todo o te-

mor, e de uma paz «que excede todo o entendimento». Têm uma esperança que «sempre ... faz triunfar em Cristo», e os habitua a darem graças a Deus por todas as coisas que Ele há por bem permitir que lhes sobrevenham.

Se um cristão devoto não for pessoa bem disposta e feliz, é porque nunca experimentou a transformação do seu coração natural, e a religião para ele não passa de uma profissão formal, mesmo que possua a mais profunda sinceridade.

O cristão verdadeiro pode ser perturbado, mas não fica aflito, mortificado; pode achar-se perplexo, mas não desespera; pode ser perseguido, mas não se julga abandonado; pode achar-se faminto, nu e sedento, mas está contente, sabendo que Deus lhe dará para toda a prova e toda a necessidade, provendo-lhe deste modo um meio de escape.

Os cristãos devem ser o povo mais feliz de todo o Mundo. A bendita esperança e as promessas divinas animam-nos em todas as dificuldades e provas da vida. São os verdadeiros optimistas, neste mundo pecaminoso e perturbado.

C. G.

O INDIVÍDUO E O ESTADO

«Nem o indivíduo nem a família devem ser absorvidos pelo Estado. Cada qual deve conservar e manter a liberdade de acção na medida em que não ameaça lesar o bem comum.»

«Além disso, há certos direitos e liberdades dos indivíduos, e de cada indivíduo, ou da família, que o Estado deve proteger em todas as circunstâncias e que não pode violar ou sacrificar a pretexto do bem comum. Citamos, como exemplo, o direito à dignidade e à boa reputação, o direito e a liberdade de venerar o verdadeiro Deus, o direito originário dos pais sobre os filhos e sobre a sua educação.»

PIO XII

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Uma Invenção Maravilhosa

Depois de anos de árduo labor e de tanta oposição que quase o fez desanimar, Samuel F. B. Morse acabou finalmente a instalação do seu telégrafo experimental de quarenta e quatro milhas de extensão, desde Washington a Baltimore. Tudo estava pronto quando, num dia de Maio de 1844, se sentou com alguns amigos na sala do Supremo Tribunal em Washington, D. C., e enviou o primeiro telegrama para Baltimore, usando o texto da Escritura Sagrada: «Que coisas Deus tem operado!» (Num. 23:23). Aguardaram com a respiração suspensa. Dentro em pouco, que emoção! As agulhas começaram a trabalhar, e os pontos e traços começaram a dizer as mesmas palavras em resposta. O êxito era consumado!

Mais tarde, falando num banquete em 31 de Dezembro de 1868, o Professor Morse disse: «Se nem sequer um passarinho cai ao chão sem um propósito definido nos planos da Sabedoria Infinita, pode a criação de um instrumento que tão vitalmente afecta os interesses de toda a raça humana ter uma origem menos humilde do que o Pai de toda a boa dádiva e de todo o dom perfeito?» Nas suas observações, prosseguiu: «Não a nós, não a nós, mas a Deus seja dada toda a glória. Não o que tem feito o *homem*, mas o que *Deus* tem operado!»

O Professor Morse acreditava nas Santas Escrituras. Quando, em idade avançada se referiu à sua alegria no estudo da Bíblia, disse: «Eu gosto de estudar o livro-guia do país para onde me dirijo. Dessejaria conhecer cada vez mais acerca dele.»

Referindo-se à grande invenção do telégrafo eléctrico, o inventor podia bem dizer: «Que coisas Deus tem operado!» Mas com quanto maior razão o poderíamos nós li-

zer com referência ao rádio, que abrange a terra hora após hora, dia após dia. O motivo real da invenção destes grandes meios de comunicação é o plano de Deus para a proclamação do Seu Evangelho a todo o Mundo. — *H. M. S. Richards*,

Sargento adventista condecorado

Em Valley Forge, não longe do histórico local onde G. Washington costumava ajoelhar em oração pedindo o auxílio divino, um sargento adventista foi recentemente escolhido como o militar de destaque do ano. Trata-se do sargento Max G. Chamberlain. O Ir. Chamberlain foi escolhido dentre um grupo de nove candidatos que, por sua vez, tinham sido seleccionados como «o soldado do mês» em diferentes alturas durante o ano nesse hospital militar.

É interessante notar que os factores que determinaram a selecção do militar do ano foram a apresentação, o registo de serviço, o conhecimento do seu mister, e a conduta tanto no trabalho como fora dele. Entre outras condecorações ganhas pelo sargento Chamberlain, contam-se a Medalha Americana de Bom Corportamento, a Medalha da Vitória da Segunda Guerra Mundial, a Medalha do Serviço de Defesa Nacional, a Medalha de Serviço na Coreia, a Medalha de Serviço das Nações Unidas, etc.

Palavras de E. G. White

Este esplêndido registo de fidelidade faz lembrar uma declaração escrita há setenta anos pela Ir. White, que nessa altura se encontrava na Suíça. Sucedeu ela estar na Casa Publicadora de Basileia numa ocasião em que três dos seus empregados foram convocados para servirem o seu período anual de exercício no Exército Suíço. Dos degraus da Casa Pu-

blicadora olhou ainda para esses homens que partiam. A Ir. White escreveu então a seguinte declaração:

«Acabamos de nos despedir de três dos nossos homens de responsabilidade nos escritórios, os quais foram convocados pelo governo para servirem durante três semanas de exercício. Encontrávamo-nos num período muito importante do nosso trabalho na casa publicadora, mas os apelos do governo não se acomodam à nossa conveniência. Eles requerem que os jovens a quem aceitaram como soldados não negligenciem o exercício e o treino essencial para o serviço militar. Sentimo-nos contentes por ver que esses homens com as suas fardas tinham condecorações de honra pela fidelidade no seu trabalho. Eles eram jovens em quem se podia confiar.» — *Ellen G. White*, carta 23, 1886.

Regozijamo-nos pelo facto de que jovens adventistas do Sétimo Dia recebam ainda essas condecorações de honra. Como verdadeiros soldados da Cruz esforçam-se ainda por deixar que a sua luz brilhe por meio de actos de fidelidade. — *W. H. Bergherm*.

O livro «Aos Pés de Cristo» ganha um prisioneiro condenado à morte

Recentemente Roberto Graham, um jovem de Vancouver, Canadá, foi sentenciado à morte por ter cometido um homicídio. A sociedade em geral desprezava-o pelo seu terrível crime. Sôzinho na sua cela, aguardava ele o destino. Mas o precioso Salvador não tinha esquecido esse homicida, e um dia pela rádio foi ouvida a notícia de que Roberto Graham se tinha convertido antes da sua morte. Como isso sucedeu é revelado pela seguinte entrevista com o pai de Roberto, a quem o autor, pastor da igreja de Vancouver, visitou não há muito.

Pastor Rentfro: «Ouvimos falar da maravilhosa conversão de seu filho Roberto. Sr. Graham, como teve conhecimento dos adventistas do Sétimo Dia e da sua obra?»

Sr. Graham: «Eu estava na Baixa uma noite e acabava de jantar num pequeno restaurante. Em cima do balcão encontrava-se um cartão — que provavelmente alguém ali tinha deixado de propósito. Oferecia lições bíblicas gratuitas.»

Pastor Rentfro: «E que fez o senhor?»

Sr. Graham: «Não sei como, peguei nele. Ele quase que forçava a sua entrada no meu bolso. Posso ver agora que era a providência de Deus. Escrevi para Los Angeles e recebi as minhas primeiras lições bíblicas. Um pequeno livro, *Aos Pés de Cristo*, vinha incluído com os cumprimentos do Curso Bíblico. Ao folhear o livro, notei alguns títulos: «O Amor de Deus pela Humanidade», «A Necessidade de um Redentor», «Arrependimento», «Confissão». Não só isso, mas no fim de cada capítulo havia um conhecido hino. Os hinos são muito, muito belos. Meu filho encontrava-se então numa situação difícil, e pensei se no caso de encomendar um desses livros para ele isso lhe não faria algum bem. Encomendei pois um ao Curso Bíblico.»

Pastor Rentfro: «Quando seu filho leu o livro, qual foi a sua reacção?»

Sr. Graham: «Não só o leu, mas o Sr. Davies, guarda da prisão, diz-me que o decorou desde a primeira página à última. Decorou-o! Foi-lhe enviado pelo correio aéreo, de sorte que deve ter esadado em sua posse durante cinco ou seis semanas.»

Pastor Rentfro: «Qual foi o pedido final do seu filho acerca do livro *Aos Pés de Cristo*?»

Sr. Graham: «Ele pediu-me numa carta pessoal que em seu nome pedisse à Igreja Adventista para fornecer um certo número de exemplares deste livro para os seus amigos pessoais e para os membros da sua família imediata, esperando, sem dúvida, que levaria outros a

MARAVILHOSO PROGRESSO

Achamo-nos no ano de 1956, justamente 112 anos após o começo de um dos mais maravilhosos movimentos que este velho mundo teve o privilégio de presenciar. Um movimento começado por apenas um punhado de homens e mulheres humildes, sem fama, sem dinheiro, sem qualquer influência política ou social, tendo apenas uma mensagem impopular que devia ser dada a todas nações, tribos, línguas e povos em uma única geração apenas. Eles mesmos eram tão pobres que lhes faltavam às vezes as coisas mais necessárias para a vida com o seu necessário conforto. Obscuros como eram para o Mundo, pretendiam levar o Evangelho Eterno ao Mundo todo por meio de Colégios, Hospitais, Casas publicadoras e pela página impressa, contudo não tinham nem dinheiro para imprimir um simples folheto ou uma revista. A sua esfera de acção era muito limitada e os conversos eram poucos.

Cristo como o tinha levado a ele. Em cada exemplar devia ler-se num cartão: 'Esta é a última vontade e pedido de Roberto Graham, que *Aos Pés de Cristo* seja dado aos seus amigos pessoais e membros da sua família'.

A pessoa que colocara o cartão de inscrição para o Curso Bíblico por Correspondência no balcão daquele pequeno restaurante provavelmente nem sonhava no vasto alcance da reacção em cadeia daquele humilde acto; mas, se for fiel, terá estrelas extraordinárias na sua coroa como resultado.

Roberto Graham enfrentou a morte com paz no seu coração e plena confiança no seu Salvador. No reino sem dúvida estará ansioso por encontrar aquele que foi instrumento nas mãos de Deus para o encaminhar para a vida eterna. — *R. A. Rentfro.*

POR

G. F. EBINGER

Os pioneiros desta organização não começaram uma nova denominação por julgarem que não houvesse bastantes seitas cristãs no Mundo, tão pouco foi a Igreja Adventista fruto da orientação de qualquer homem. Ela saiu de um grande movimento de reavivamento espiritual que agitou todas as igrejas, não somente na América do Norte, mas também na Europa, e outros lugares, durante a primeira metade do século dezanove. Tinha chegado o tempo do cumprimento da profecia. A poderosa mão de Deus estava sendo estendida novamente a fim de reunir um povo, tirando-os de todos os povos, línguas, tribos e nações como também da grande babilónia espiritual que tomara conta do Mundo. Tinha chegado o tempo de ser pregada a mensagem do juízo a um mundo sem Deus e moribundo nos seus pecados. Chegara o momento certo do estabelecimento da Igreja de Deus, a última da corrente profética, a saber: a de Laodicéa.

Solemnia verba

«Para o povo ser livre é necessário que seja religioso e honesto; para que seja religioso e honesto é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho, que não são mais do que a confirmação divina da moral universal. Em vez de inculcar credences ao povo, cumpre inculcar-lhe os princípios do cristianismo.»

Alexandre Herculano, *Opúsculos*, vol. IX.

Por maiores que tenham sido as fortunas em mão, por maior que tenha sido a influência política, por mais fáceis que tenham sido os meios de transporte e toda a sorte de vantagens que este mundo pudesse colocar à disposição dos homens, não teria sido realizado jamais um trabalho de tão vasto alcance, de tanto progresso maravilhoso, como hoje o vemos na denominação Adventista através do Mundo. Apenas 112 anos de trabalho, e este evangelho do reino circundou o globo terrestre. O sol no seu trajecto em redor do Mundo — como comumente se diz — não faz o seu trajecto de cinco minutos sem iluminar qualquer estação missionária nossa ou um crente nesta bendita mensagem em qualquer lugar remoto.

Apenas 112 anos no passado não havia sequer uma igreja organizada, um templo, uma Casa Publicadora, uma Clínica, um Sanatório ou Hospital, etc., havia apenas uns poucos de membros, todos pobres, com uma mensagem diferente de todas as demais, tornando-a mais impopular ainda por incluir a observância do Sábado, o sétimo dia da semana como dia de repouso, dia este, odiado por Satanás e todos os seus adeptos. Vem-nos involuntariamente a pergunta: «Porque então tanto progresso em tão pouco tempo». Para os homens é realmente incompreensível o motivo deste maravilhoso progresso. Há, não obstante, uma só resposta cabal para tudo isso. A denominação ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA mantém todas as grandes doutrinas fundamentais da fé cristã, tais como foram expostas por Cristo em Seus ensinamentos, e exemplificadas em Sua vida. A Bíblia, e unicamente a Bíblia, lhes serve de regra de fé. A tradição, a menos que se ache em harmonia com as Escrituras, é rejeitada. Toda a doutrina, antes de ser aceita, é provada pela lei de Deus e o Testamento de Sua Palavra. Somente por andar em estrita obediência aos mandamentos de Deus, e por ter seguido as instruções divinas pelo Espírito de Profecia como foram dadas

pela pena inspirada da irmã E. G. White, é que esta denominação tem podido fazer este progresso maravilhoso, porque foi Deus, o Criador dos Céus e da Terra, que tem dirigido este trabalho, por intermédio de homens e mulheres que estavam dispostos a ouvir os Seus conselhos e fazer e adoptar os meios e métodos sugeridos e ordenados por Ele. Foi, é e será o único método para a realização do propósito de Deus. Apesar das perseguições que são movidas contra o povo de Deus em todas as partes, o trabalho vai avante, nada lhe pode obstruir o caminho. Opor-se a este movimento seria a mesma coisa como se alguém quisesse colocar-se em frente de uma possante locomotiva, querendo impedir que ela se pusesse em marcha. Resultado: ao ser aberta a válvula do vapor, a máquina põe-se em movimento, e este «alguém» seria esmigalhado debaixo do seu tremendo peso. Podem os inimigos desta Causa estar certos de uma coisa, que eles estão batalhando contra o Deus dos Céus e que breve receberão a sua recompensa. Enquanto estivermos prontos e dispostos a obedecer a Deus, sem nos desviar à direita ou à esquerda, e andar humildemente perante Deus, sem procurar o nosso conforto ou fazer a nossa vontade, podemos estar certos de que o trabalho irá à frente, e cada vez num passo mais acelerado, porque estamos nos últimos dias do tempo do fim, quando Deus deseja terminar a Sua sagrada obra com brevidade e em justiça. Há muito que fazer ainda, faltam os necessários obreiros, mas tudo isto não quer dizer nada para Deus. Ele tem mil meios e métodos com os quais pode terminar o trabalho, hoje mesmo se Ele quisesse. Não são as críticas dos filósofos deste Mundo, nem as leis dos grandes, nem os anátemas dos padres, nem as flechas apontadas pelos inimigos da verdade, nem as tempestades do ódio dos falsos profetas, que podem atrasar um milímetro sequer o andamento desta Causa, mas sim a nossa mornidão, a nossa falta de fé, a nossa

sonolência, a nossa falta de fibra moral, o nosso desrespeito aos santos princípios, a nossa falta de trabalho missionário activo, a nossa falta de discernimento espiritual, a nossa falta de consagração sem reserva, a nossa falta de fidelidade nos dízimos e nas ofertas, etc. É alto tempo que todas estas, e outras tantas coisas, sejam postas em ordem, para que Deus possa agir de uma maneira mais rápida ainda, para que venha o bendito dia do derramamento da chuva serôdia em toda a sua plenitude sobre o Seu povo, sobre os que estão preparados para o seu recebimento, a fim de ultimar este trabalho da pregação do evangelho neste Mundo para que a última, terrível e feroz batalha contra os poderes do mal possa logo chegar ao fim, a vitória ser ganha e que possamos entrar na nossa querida pátria eterna e estar para sempre com o nosso Deus e nosso bendito Salvador, e Mestre, Cristo Jesus, que tanto nos amou.

Não deixemos de dar graças por tudo que tem sido feito até hoje nestes 112 anos. Deus virá em breve, muito em breve, terminar o Seu trabalho nesta terra. Vamos nós procurar estar preparados para que quando aquele grande terrível dia chegar não estejamos remissos. Hoje é o dia em que devemos permitir a Deus terminar o Seu trabalho de redenção em nosso coração, e quando isto estiver feito, Ele saberá fazer o resto.

«Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma, do que um espírito de gratidão e louvor. É um positivo dever resistir à melancolia, às ideias e sentimentos de descontentamento — dever tão grande como é orar. Se nos destinamos ao Céu, como poderemos ir qual bando de lamentadores, gemendo e queixando-nos por todo o caminho da casa de nosso Pai?»

A Ciência do Bom Viver,
pág. 216.

NOTÍCIAS DO CAMPO

UNIÃO PORTUGUESA

FERNANDA MARTINS — Por lapso, não mencionámos a chegada da Ir. Fernanda Martins a Lisboa, em 26 de Maio. A nossa irmã é enfermeira no Hospital do Bongo, em Angola, e veio passar alguns meses com a sua família. Desejamos-lhe feliz estadia entre nós.

MARIA JOSÉ ROSA — A fim de se submeter a uma operação cirúrgica, que decorreu normalmente, esteve em Lisboa, de 31 de Agosto a 10 de Outubro, a Ir. Maria José Rosa, dedicada professora da nossa escola primária da Brava, Cabo Verde.

PASTOR FERNANDO MENDES — Em 5 de Setembro embarcou para os Açores o Pastor Fernando Mendes, que durante anos foi secretário dos Departamentos das Publicações e dos Missionários Voluntários, e que ultimamente pastoreava também a igreja do Barreiro. Foi-lhe confiada agora a responsabilidade de dirigir a Missão dos Açores. Que o Senhor o abençoe grandemente nas suas novas actividades.

DR. JEAN NUSSBAUM — Esteve na capital, de 3 a 6 de Outubro, o Dr. Jean Nussbaum, para tratar de assuntos relacionados com o Departamento da Liberdade Religiosa. No Sábado, 6, a Igreja de Lisboa teve o privilégio de o ouvir pregar a Mensagem.

VITORINO CHAVES — Depois de ter passado alguns meses na Metrópole, embarcou em 4 de Outubro, para Angola, o Ir. Vitorino Chaves, que era acompanhado de sua Esposa. A este prezado casal missionário, ficamos desejando as bênçãos de Deus, tanto sobre a sua saúde como sobre o seu trabalho.

DR. BRUCE W. HALSTEAD — Em 10 de Outubro, tivemos o prazer de ver entre nós o Dr. Bruce W. Halstead, presidente do Departamento de Biotoxicologia, no nosso Colégio de Evangelistas Médicos, em Loma Linda, Califórnia.

PASTOR GEORGES HABEREY — A fim de tratar de assuntos relacionados com a Tesouraria, chegou a Lisboa, em 12 de Outubro, o Pastor G. Haberey, verificador da Divisão Sul-Europeia.

MUDANÇAS DE OBREIROS — Durante o mês de Setembro,

efectuaram-se as seguintes mudanças de obreiros: Pastor José Simões Grave, para Lisboa, a fim de chefiar o trabalho da colportagem; Vitor Martinez, para as Caldas da Rainha, encarregando-se ao mesmo tempo do Cadaval, Peniche e Alfeizerão; João I. Chaves, para Portalegre; Pastor Manuel Leal, para Faro; Filipe Esperancinha, para Villa Real de Santo António.

MISSÃO DA MADEIRA

Funchal

!Aproveitando a passagem do Pastor Mendes por esta ilha, tivemos no último Sábado, uma bela cerimónia baptismal por ele presidida.

!Cinco almas se entregaram a Cristo. Um dos neófitos, de nome João Vieira, é o primeiro adventista vindo do sítio da Água de Pena, perto da vila de St.º Cruz.

O nosso majestoso templo regorritava de assistentes, vendo-se entre os nossos Irmãos, muitas visitas e simpatizantes, que num apelo feito para que se preparassem para o baptismo se levantaram desejando pertencer à nova classe baptismal.

!Apesar do fanatismo que se observa por estas terras, encontram-se muitas e preciosas almas, que aguardam a semente do Evangelho, e quando este chega à sua beira, recebem-no de alma e coração. Não se poupando a esforços, e resistindo com paciência e fé, aos ataques e perseguições dos seus familiares e vizinhos.

!Deste modo continuamos até ao limite das nossas forças, e com a ajuda e auxílio divino, a arrancar estas preciosas almas das trevas, para a resplandecente luz da liberdade em Cristo, orientando-as para a vida eterna.

«Esforça-te e tem bom ânimo... eu serei contigo...»

Manuel Laranjeira

MISSÃO DOS AÇORES

!De uma carta do Ir. José Joaquim Laranjeira, nosso obreiro em Angra do Heroísmo, transcrevemos os seguintes parágrafos.

«Após o regresso da minha viagem à Ilha das Flores venho dar

algumas impressões sobre a minha estadia de 16 dias entre os nossos zelosos Irmãos daquela Ilha.

!Apesar do isolamento em que estão, no que diz respeito ao contacto continuo de um obreiro local, continuam bem animados em sua fé, prosseguindo com coragem e bom ânimo a carreira cristã. Após a nossa chegada, Sábado, 4 de Agosto, de manhã, iniciámos logo as reuniões com o culto da manhã, cuja série se estendeu até à última noite que ali passei. Tivemos reuniões quase todas as noites com uma bem numerosa, que não só enchia a sala mas o pátio anexo aonde mais de metade se acomodava o melhor possível a fim de melhor ver e ouvir das mensagens apresentadas.

!Há mais de meia dúzia de pessoas muito interessadas e destas houve duas que nos deram a alegria de serem sepultadas nas águas baptismas, selando assim o pacto com Deus de passarem a viver de harmonia com o Evangelho. A cerimónia baptismal teve lugar no dia 11 de Agosto e a ela assistiram quase todos os irmãos e algumas visitas. Os novos membros são uma jovem de 18 anos e uma senhora de 44. Outros há que com um pouco mais de contacto e assistência se decidirão. Pena é que sejam tão poucos e curtos... A grande tristeza dos irmãos ali é o não terem um obreiro permanente. Sentem-se quais «ovelhas sem pastor». Contudo Deus os guarda e Jesus é o seu Pastor...

!No último Sábado realizámos a cerimónia da Santa Ceia, que a todos sensibilizou e comoveu tanto mais quanto já há mais de 4 anos que não tinham este privilégio. Foi um bom Sábado para os nossos Irmãos das Flores. E assim os deixámos mergulhados em novas saudades que irão aumentando mais e mais até à próxima visita de mais um obreiro...

!Aqui pela Terceira tudo vai bem. Há poucos dias terminámos a Campanha das Missões com o aivo ultrapassado. Sentimos muito as bênçãos de Deus neste trabalho que este ano foi cheio de boas experiências. Deus nos ajudou até aqui e temos fé que continuará a ser connosco no futuro. A Ele sejam dadas graças e louvores. Amem.»